

«EH PÁ, PERE AÍ, MAS PERE AÍ UM POUCO...»:
A DINÂMICA DAS TROCAS INTERLOCUTIVAS
EM INTERACÇÕES VERBAIS NA RÁDIO

Carla Aurélia de Almeida*

0. INTRODUÇÃO

O presente texto¹ insere-se num lugar de confluência de diferentes orientações analíticas saídas da chamada *Análise do Discurso* e tem como objecto de estudo as relações interactivas e interlocutivas instituídas em interacções verbais na rádio.

A nossa análise enquadra-se, pois, na Pragmática das sequências discursivas (Fonseca, 1992; 1998b) e tem como objecto de estudo as dimensões sequenciais e interactivas dos actos de discurso em interacções verbais específicas.

Tendo por base um corpus constituído por interacções verbais presentes em programas de rádio portugueses com uma clara matriz dialogal², procuramos, por um lado, elaborar uma descrição-explicação das dimensões centrais da estruturação dos discursos, isto é, proceder, na linha de Joaquim Fonseca (1992), ao “(...) recorte do *numo discursivo* (ou discursivização)” (*idem*: 316) e, por outro lado, realizar uma descrição dos processos de construção do sentido

* Universidade Aberta – Departamento de Língua e Cultura Portuguesas.

¹ O texto, que agora se apresenta, enquadra-se no âmbito das actividades de investigação do nosso projecto de doutoramento em Linguística, inscrito na Universidade Aberta, sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Ricardo Marques.

² O nosso corpus foi constituído no âmbito do nosso trabalho de doutoramento e é composto por conversas na rádio desenvolvidas em programas nocturnos.

realizados pelos participantes destes programas que partilham um espaço, um tempo e “um foco de atenção” (Goffman, 1987: 81) comuns³.

Assim, procedemos ao levantamento dos padrões de organização sequencial que permitem, a nível local, estudar a selecção, operada pelos participantes, das *estratégias comunicativas* (Gumperz, 1982) mais conformes ao discurso *institucional* de rádio⁴ e, a nível global ou macroestrutural, analisar a coerência pragmático-funcional do discurso que diz respeito fundamentalmente às dimensões sequenciais dos actos ilocutórios (Fonseca, 1992: 269).

Deste modo, é nosso objecto a análise da co-construção do sentido desenvolvida pelos interlocutores e a interpretação das estratégias discursivas mais adequadas aos momentos ou fases estruturais principais do discurso: a abertura, o desenvolvimento e o fecho.

1. AS COMPONENTES DO DISCURSO EM ANÁLISE

Os programas em análise constituídos por telefonemas de ouvintes para, em directo, dialogarem com o(a) locutor(a) (voz autorizada, representante da estação de rádio) apresentam um dispositivo conversacional que põe em destaque práticas discursivas e *posições interaccionais* e/ou *lugares* (Kerbrat-Orecchioni, 1987: 319) marcados pelo tempo e lugar dos eventos comunicativos e pelas estratégias discursivas que desenham a dinâmica dessas mesmas posições (*idem*).

O processo enunciativo é assim marcado pelo espaço e tempo dos *eventos comunicativos*: o espaço é constituído pela estação de rádio que apresenta um estilo próprio, um lugar distanciado dado o facto de a comunicação se estabelecer entre o espaço dos ouvintes que telefonam e a estação de rádio, tendo um estatuto público-privado (Mouillaud, 1984: 67); o tempo diz respeito ao período de tempo dos programas – tempo cíclico, constituído pelo período nocturno, entre as 21h e as 6h da manhã, um tempo com

³ Para Catherine Kerbrat-Orecchioni (1990), o esquema participativo, a unidade de tempo, a unidade de lugar e o tema comum constituem três critérios que permitem delimitar uma interacção (*idem*: 245).

⁴ Sobre a distinção entre discurso “institucional” e discurso “mundano”, cf. Boden; Zimmerman (1993).

referências sistemáticas às marcas horárias, aos boletins informativos e às temperaturas.

Os *participantes* (Hymes, 1972: 60) das trocas discursivas⁵ são o locutor de rádio/ apresentador (“the host”), o auditório e os “ouvintes” (interlocutores ratificados, em directo, pelo locutor da estação de rádio) que telefonam para a antena.

O *espaço interaccional* (Gumperz, 1989: 9) construído nas conversas telefónicas na rádio determina um estilo informal, familiar, coloquial onde predominam *normas de interacção* e *de interpretação* (Hymes, 1972: 63-64) dominadas por dispositivos conversacionais que denotam um forte “envolvimento conversacional” (Tannen, 2001: 157; Gumperz, 1982: 2-3) e que revelam a emoção nas interacções aí presentes⁶: referimo-nos aos fenómenos linguísticos de sobreposição da fala, as hesitações, as repetições, as interrupções da vez de elocução e a actividade de colaborar na construção conjunta dos sentidos dados aos enunciados e, de um modo geral, todos os mecanismos de manutenção, cedência e de auto-selecção da vez de elocução (Tannen, 2001: 157).

No discurso em análise, o sistema de revezar-se ou de dar a vez da fala e/ou elocução (“turn-taking system”) é, por norma, feito por hetero-selecção. Com efeito, os intervenientes são seleccionados pelos *profissionais de antena* (Charaudeau, 1984: 29) que colaboram com o locutor de rádio (apresentador). Este último desempenha um papel muito activo na dinâmica das trocas, não raro assumindo a função de organizador do diálogo: cabe ao locutor de rádio (“the host”) fazer a gestão da distribuição de vez de elocução, estabelecer e zelar pela manutenção de *coerências semântico-pragmáticas interdiscursivas* (Fonseca, 1992), assegurar a hetero-selecção de outras vozes discursivas entre as “vozes”⁷ constituídas pela entidade genericamente denominada de “ouvintes”, gerir os efeitos de sobreposição da fala e criar interrupções que o interlocutor, a maioria das vezes, valida/ratifica como pertinentes.

⁵ F. E. Müller (1995) denomina estas trocas discursivas, constituídas por telefonemas de ouvintes para as emissões de rádio, de trocas triádicas (*idem*: 201).

⁶ Sobre as emoções nas interacções verbais, cf. os estudos presentes em Plantin *et al.* (eds.) (2000).

⁷ Sobre as múltiplas vozes presentes na enunciação, cf. o estudo de Maria Aldina Marques (2000).

Um tal papel condutor do discurso do outro não evita, sobretudo em segmentos discursivos de maior polemicidade de orientação marcadamente persuasivo-argumentativa, a inversão destes papéis. Efectivamente, como iremos ver, não raro surgem segmentos discursivos proferidos por ouvintes que ora têm o objectivo ilocutório de reclamar a vez de elocução ora visam a sustentação, manutenção da vez (*turn*), sendo pertinente a análise de estratégias discursivas que procuram inverter os papéis interlocutivos e/ ou papéis conversacionais (Fonseca, 1996: 2), o que denota um forte envolvimento interactivo dos participantes.

Interessa-nos então a análise do trabalho de organização do discurso realizado pelo(a) locutor(a) destes programas.

2. O “EFEITO DA INSTITUIÇÃO” NAS SEQUÊNCIAS DE ABERTURA

As sequências de *abertura* de programas de rádio demonstram o conhecimento que os falantes têm (“background knowledge”) das acções comunicativas mais adequadas a estes contextos institucionais e as práticas discursivas aí presentes revelam o chamado “efeito da instituição” (Liddicoat *et al.*, 1992) que condiciona a realização de “rotinas de abertura” específicas (*idem*: 541).

Assim, no discurso de programas de rádio deste tipo, é o(a) locutor(a) (“the host”⁸) que procede à abertura do próprio evento comunicativo com a exploração – breve ou longa de acordo com o estilo do “condutor da emissão” e o estilo da própria antena – do tema da emissão, o qual não raro é devidamente documentado e ilustrado com exemplos.

Atentemos, pois, no seguinte extracto de *abertura* do evento comunicativo:

Programa: BN
Data: Abril de 1998

⁸ O “host” e/ou locutor constitui um verdadeiro “anfitrião” que “recebe em antena” os “amigos” que querem participar e entrar na “comunidade de pensamento” assim gerada.

Tema: “A preguiça”

Locutora – Boa noite. Bem-vindos a mais uma emissão, mais um início de semana. Cá estamos juntos uma vez mais para duas horas de conversa, hoje sobre “A PREGUIÇA”. Afinal diz-se que segunda-feira é o dia da preguiça, portanto hoje cá estamos nós a fazer a nossa saudação à preguiça.

D. I., M. M., M. S. e E. C.

O sentimento que por vezes nos acompanha, e que pode provocar alguns dissabores, é que geralmente a preguiça ataca quando menos se espera. Perante uma pilha de trabalho por fazer, podemos ser acometidos por uma súbita falta de vontade de mexer nem que seja uma palha.

A esta breve síntese do tema, os locutores precedem a abertura das trocas com o desenvolvimento do tema, ilustrando-o com exemplos e fundamentando-o com comentários argumentativos.

Observemos o seguinte exemplo:

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: “A preguiça”

Locutora – Assim, quando temos de estudar, fazer a limpeza lá em casa ou arrumar a nossa mesa de trabalho, pensamos o quanto seria bom não ter nada pra fazer. É nesses momentos que descobrimos quem é o mais forte, se nós ou a preguiça. Se acabamos por fazer o que é preciso, a vitória pertence-nos; se optamos por dormir a sesta, a preguiça é vencedora incontestada.

Após a exploração do tema, os locutores destes programas de rádio produzem actos com o valor ilocutório de *convite*, não raro realizado indirectamente através de um acto literal de asserção regularmente seguido de uma pergunta indirecta (BN) ou de uma pergunta directa (CM).

Observemos então os seguintes extractos:

Programa: BN
Data: Abril de 1998

Tema: "A preguiça"

Locutora – Venha então dizer-nos como reage quando a preguiça dá sinais de vida. Queremos saber se há formas eficazes de a combater, se é sempre um sentimento negativo ou às vezes até é bem-vinda.

Até às duas não tenha preguiça de nos ligar através dos seguintes números de telefone: 3426944, 3422662, 3476114 e 3431438.

Ficamos preguiçosamente à espera.

Programa: CM

Data: 7/01/1998

Tema: "A condução em Portugal"

Locutor – Estamos à vossa espera, contamos convosco e... vamos lá então à confissão. Você considera-se um bom condutor? Você amiga considera-se uma boa condutora? O que é que acha dos outros condutores? Os portugueses são educados ao volante ou são indisciplinados? Dê-nos a sua opinião sinceramente.

Não raro, os locutores realizam primeiro um acto ilocutório de pergunta – directa ou indirecta – e, de seguida, produzem um acto literal de asserção com o conteúdo proposicional (dizer os números de telefone disponíveis) que tem o valor ilocutório (acto indirecto) de *convite*.

Atente-se então nos seguintes exemplos:

Programa: BC

Data: 05/05/1998

Tema: "A demissão de Vasco Pinto Leite da presidência do Conselho Fiscal do Benfica"

Locutor – Será que a convocação de uma Assembleia Geral Extraordinária para análise do problema seja saída imediata para se resolver esta questão?

Os telefones disponíveis são Lisboa 3622977, Porto 5573525.

Programa: BC

Data: 06/05/1998

Tema: "O momento do Sporting"

Locutor – A grande questão é saber se devem sair de facto esses jogadores e continuar Carlos Manuel, ou se deve sair Carlos Manuel e continuarem os jogadores. Tão simples quanto isto.

Telefones disponíveis para a conversa Lisboa 3622977, Porto 5573525.

Depois da produção de actos ilocutórios de convite realizados indirectamente através de actos literais de asserção, os locutores ("hosts") dos programas de rádio produzem um acto de *convocatória* específico destes contextos.

Analise agora as realizações do acto de *convocar* um participante e as variações que este acto apresenta no nosso corpus.

3. A SEQUÊNCIA PROTOTÍPICA DE ABERTURA

A observação dos programas de rádio do nosso corpus permite-nos constatar que a sequência prototípica que ocorre no momento de *abertura* é constituída por [CONVOCATÓRIA (c/ ou s/ Termo de Endereçar) + SAUDAÇÃO (c/ ou s/ Termo de Endereçar)].

Começamos por analisar as diferentes realizações do acto de *convocatória* e o modo como a sequência iniciativa de saudação é produzida.

O acto de [CONVOCATÓRIA] pode ser realizado através de um acto literal de asserção com o conteúdo proposicional <estar em linha + Termo de Endereçar> seguido do movimento de saudação.

A indicação da linha e do termo de endereçar no conteúdo proposicional do acto de *convocar* revela os "bastidores" da emissão onde a equipa de colaboradores procede à "triagem" dos participantes.

Atentemos nos seguintes extractos⁹:

Programa: BN

Data: 05/05/1998

Tema: "A disciplina nas escolas"

⁹ Note-se que, na formalização dos actos ilocutórios, temos o seguinte: [Conv.] = [Convocatória]; [Saud.] = [Saudação]; [T. End.] = [Termo de Endereçar]; [Perg.] = [Pergunta]; [Agrad.] = [Agradecimento]; [Saud. Int.] = [Saudação Interrogativa]; [Resp.] = [Resposta].

Ouvinte n.º. 443, Professora, sexo feminino

Abertura:

Locutora: [Convocatória c/Indicação de Linha + Saudação + T. End. + Saudação] «R.M. na linha 4, olá R. boa noite.»

Programa: ES

Data: 29/10/2001

Tema: Livre

Ouvinte n.º. 392, masculino, Viseu, Reformado.

Abertura:

Locutor: [Convocatória com Saud. Familiar com T. End. + Saud.] «Ora amigo N., viva, bom dia.»

A realização do acto de convocar com a indicação do nome próprio e do apelido seguido, ainda na mesma vez de elocução, da produção de uma sequência iniciativa de saudação com apenas a alusão ao nome próprio, imprime a estas emissões um registo mais informal, de conversa quotidiana e estabelece um estilo coloquial, de diálogo familiar.

Com efeito, o uso do nome próprio permite ao locutor situar o ouvinte enquanto “pessoa nomeada” e, no dizer de F. E. Müller (1995), o acto de convocar com o nome próprio tem um aspecto “vocativo” e constitui uma forma de o locutor interpelar o ouvinte e de dar sinal a este último que tem a permissão de entrar na emissão: com a indicação do nome próprio, o ouvinte torna-se assim “receptor”/ destinatário do discurso do locutor (“a quem se fala”) e torna-se também objecto do discurso (“pessoa de quem se fala”)¹⁰.

O acto de convocar pode também realizar-se através de um acto literal de asserção com o conteúdo proposicional <estar em Linha + Termo de Endereçar + Região>.

Observemos então agora o seguinte exemplo:

¹⁰ F. E. Müller (1995) refere o carácter económico de um tal dispositivo discursivo: «Donner la parole à l'appelant qui attend chez elle 'sur la ligne', l'introduire dans l'émission et l'identifier pour le public, tout ceci est réalisé en un seul tour de parole, le premier de l'interaction publique in *statu nascendi*” (idem : 205-206).

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: “A preguiça”

Ouvinte masculino, n.º. 2 – Antigo empregado de café – desempregado – Faro; jovem

Abertura:

Locutora: [Convocatória <c/Linha + Termo de Endereçar + Região>]

«Na linha 4 está o L., está a falar de Faro.»

[Saudação + Termo de Endereçar] «Olá L..»

A indicação da região do país (de localização do telefonema) no conteúdo proposicional do acto de convocar nem sempre é sistematicamente referida nestes programas e quando ocorre esta referência não raro funciona como uma forma de assinalar ao ouvinte que este último pode entrar na emissão (Thornborrow, 2001: 463)¹¹.

Em determinadas emissões de rádio, como os programas sobre futebol, o acto de convocar tem como conteúdo proposicional a referência sistemática à região e ao termo de endereçar do ouvinte. Repare-se que, nestes programas, o locutor chama o ouvinte não referindo nenhuma linha da emissão e a indicação da região funciona como a localização da linha dos ouvintes.

Atentemos então neste exemplo retirado do nosso corpus:

Programa: BC

Data: 04/05/1998

Tema: “O último jogo Benfica-Porto”

Ouvinte n.º. 292, masculino, Lisboa.

Abertura:

Locutor: [Convocatória c/ T. End. + Região] «A.S., em Lisboa.»

[Saud.] «Boa noite.»

¹¹ A informação sobre a região do país de origem do telefonema no acto de convocar é facultativa e esta apenas nos é fornecida, de modo mais sistemático, em temas como “A regionalização”, “Obras. Que incómodos nos trazem as obras?”; “O ensino do português junto das comunidades estrangeiras”, “Festas, feiras e romarias”. Estas informações não são, no entanto, sistematicamente fornecidas no acto de convocar e ocorrem muitas vezes nas acções discursivas seguintes do momento da abertura.

Convencionalmente, a indicação da região faz parte do formato de programas de debate de assuntos da actualidade nacional; neste caso, a actualidade dos assuntos relativos ao futebol português.

Também ocorre um acto de *convocar* através de um acto literal de asserção com o conteúdo proposicional <estar um ouvinte em linha> ou <estar um ouvinte em antena> seguido do habitual acto de *saudação* realizado ainda na mesma intervenção do locutor.

Observemos, pois, os seguintes extractos:

Programa: TA

Data: 15/09/2001

Tema: "Terrorismo"

Ouvinte n.º 332, masculino.

Abertura:

Locutor: [Convocatória + Saudação] «Estamos com mais um ouvinte em directo, boa noite.»

Programa: CM

Data: 07/01/1998

Tema: "A condução em Portugal"

Ouvinte n.º 219, masculino, Orleães-França, Camionista (condutor internacional); linha de ouvintes em primeira visita.

Abertura:

Locutor: [Convocatória] «Vamos para a primeira presença aqui em antena, hoje na linha de ouvintes em primeira visita.»

[Saudação] «Então bom dia pra si.»

À medida que a emissão se desenrola, o locutor modifica o acto de convocar, introduzindo novos segmentos com a indicação do tema ou assunto da emissão e depois realiza o segmento habitual de indicação da linha de ouvintes seguido de um acto de pergunta.

Atentemos no seguinte extracto:

Programa: CM

Data: 07/01/1998

Tema: "A condução em Portugal"

Ouvinte n.º 221, masculino, Lisboa, motorista, linha de ouvintes ditos regulares.

Locutor: [Convocatória através de um acto de Asserção com o conteúdo proposicional relacionado com o tema + Indicação da Linha de Ouvintes] «Vamos para mais presenças em antena, tentar saber como é que são os nossos amigos e amigas, se se consideram, aqui entre nós, bons condutores ou não, vamos desta vez para a primeira presença na linha de ouvintes ditos regulares.»

[Pergunta] «Ora quem é que está aqui agora?»

Quando o acto de convocar não apresenta, no seu conteúdo proposicional, a indicação da linha de ouvintes, o locutor reformula o seu discurso, produzindo uma asserção metadiscursiva que constitui um comentário "retroactivo" à intervenção anterior e uma forma de apresentar o ouvinte ao auditório:

Programa: CM

Data: 07/01/1998

Tema: "A condução em Portugal"

Ouvinte n.º 222, masculino, Alverca, «alguém que nos visita pela primeira vez.»

Abertura:

Locutor: [Convocatória] «Bem, vamos para mais presenças em antena, e vamos falar do que é ser-se condutor em Portugal, de preferência bom condutor.»

[Pergunta] «É este o seu caso?»

Ouvinte: [Resposta] «Considero-me que sim.»

Locutor: [Asserção] «Ora, estamos a falar com alguém que nos visita pela primeira vez.»

Nestas últimas formas de convocar os ouvintes, os locutores apenas sabem que têm "um ouvinte em directo", isto é, não apresentam mais nenhuma informação sobre os ouvintes, o que constrange o locutor a abrir, no momento de abertura, uma sequência de perguntas e respostas para a

resolução do problema de falta de informação sobre a identidade daquele com quem dialoga.

Com efeito, nestes casos, às sequências discursivas de saudação-saudação é frequente seguir-se uma pergunta directa com o conteúdo proposicional <saber o termo de endereçar do alocutário>.

Observemos então os seguintes extractos:

Programa: TA

Data: 01/10/01

Tema: "O novo estádio da Luz"

Ouvinte n.º. 334, masculino

Abertura:

Locutor: [Asserção] «Entretanto, como é óbvio, o telefone já toca.»

[Convocatória] «Vamos ao primeiro ouvinte.»

[Saudação] «Boa noite.»

Ouvinte: [Hesitação + Saud.] «Eh... boa noite.»

Locutor: [Perg.] «Eu estou a falar com quem?»

Programa: CM

Data: 07/1/98

Tema: "A condução em Portugal"

Ouvinte n.º. 220, Masculino, Damaia, Camionista, linha de ouvintes habituais, 40 anos

Abertura:

Locutor: [Convocatória com indicação do tipo de linha] «E agora estamos na linha de ouvintes habituais.»

[Saudação] «Bom dia.»

Ouvinte: [Saudação] «Bom dia.»

Locutor: [Pergunta sobre o T. End.] «Estamos a falar com quem?»

Os ouvintes rotinizados respondem imediatamente com a saudação e termo de endereçar:

Programa: TA

Data: 01/10/01

«EH PÁ, PERE AÍ, MAS PERE AÍ UM POUCO...»:...

Tema: "O novo estádio da Luz"

Ouvinte n.º. 343, masculino.

Abertura:

Locutor: [Convocatória + Saudação] «E mais um ouvinte, boa noite.»

Ouvinte: [Saudação+ Asserção com T. End.] «Ora boa noite, fala o M. L.»

4. VARIAÇÕES DO ARQUÉTIPO: MODIFICAÇÕES DO MODO DE EXPRESSAR. A SEQUÊNCIA PROTOTÍPICA DE ABERTURA

4.1. [CONVOCATÓRIA + Ø SAUDAÇÃO]

Analisemos agora as variações e/ou *modificações* (Liddicoat *et al.*, 1992: 546) do modo de expressar a sequência prototípica de abertura nos diferentes programas.

No corpus em análise ocorre também um acto de convocar sem o acto de saudação. Nestes casos, não raro o ouvinte inicia, então, a sequência de saudação-saudação.

A ocorrência de um acto de [CONVOCATÓRIA] com ausência do movimento de saudação na mesma vez elocução, constitui, no dizer de Liddicoat *et al.* (*idem*), uma modificação da "recepção arquetípica".

Atentemos então na primeira variação do arquétipo detectada no nosso corpus constituída por [CONVOCATÓRIA + Ø SAUDAÇÃO].

Reparemos nos seguintes extractos:

Programa: BC

Data: 04/05/1998

Tema: "O último jogo Benfica-Porto"

Ouvinte n.º. 290, masculino, Gondomar

Abertura:

Locutor: [Convocatória com T. End. + Região] «D. N., em Gondomar.»

Ouvinte: [Saud. + T. End. + Saud.] «Boa noite senhor F.C., boa noite.»

Programa: TA
 Data: 15/09/2001
 Tema: "Terrorismo"
 Ouvinte n.º. 335, masculino
Abertura:
 Locutor: [Convocatória] «Temos mais um ouvinte em directo.»
 Ouvinte: [Saud.] «Boa noite.»

Programa: CM
 Data: 09/01/1998
 Tema: Livre
 Ouvinte n.º. 229, masculino, Barreiro, «linha de ouvintes habituais.»
Abertura:
 Locutor: [Convocatória + Pergunta] «De novo na linha de ouvintes habituais, o 3820075, quem é que nos visita agora?»
 Ouvinte: [Saud. simples + Saud.] «Olá, bom dia.»

Como podemos constatar, nestes extractos, a uma sequência iniciativa de convocatória sem o movimento de saudação realizada pelo locutor segue-se a produção por parte do ouvinte ("the caller") de um token de saudação, o que demonstra que o par adjacente de saudação-saudação é uma rotina verbal deste tipo de programas.

Segundo Liddicoat *et al.* (*idem*: 547), esta ausência de uma sequência iniciativa de saudação realizada pelo locutor constitui uma primeira modificação do arquétipo gerida localmente pelo ouvinte como a necessidade de este último, por sua vez, realizar um token de saudação, de identificação depois do acto de convocar.

4.2. [SAUDAÇÃO + Ø ACTO DE CONVOCAR]

Em algumas intervenções, a convocatória faz-se apenas com a saudação, constituindo uma segunda variação do arquétipo realizada por [SAUDAÇÃO + Ø ACTO DE CONVOCAR]:

Programa: TA
 Data: 20/10/01
 Tema: "O antrax e a segurança"
 Ouvinte n.º. 347, masculino, Tomar, Músico
Abertura:
 Locutor: [Saudação] «Boa noite.»
 Ouvinte: [Resp. Fática + Saudação] «Alô, boa noite.»

A realização do acto de saudação com a ausência do acto de convocar revela as componentes da fórmula prototípica [CONVOCATÓRIA (c/ ou s/ Indicação de Linha + SAUDAÇÃO (c/ ou s/ Termo de Endereçar)] uma vez que os ouvintes ora respondem imediatamente com uma saudação que constitui a segunda parte do par adjacente da sequência de saudação (cf. a interacção com o ouvinte n.º. 347), ora necessitam da confirmação da autorização da assunção da vez da fala, como se pode verificar na troca interaccional que se segue:

Programa: TA
 Data: 01/10/01
 Tema: "O novo estádio da Luz"
 Ouvinte n.º. 341, masculino, Paris
Abertura:
 Locutor: [Saud.] «Boa noite.»
 Ouvinte: [Int. Fática] «Estou?»
 Locutor: [Marcação de Concl. Avaliativa + Asserção + Pedido] «Sim senhor, está em directo, diga, diga primeiro o seu nome.»
 Ouvinte: [Saud. com Superlativo + Asserção com T. End.] «Muito boa noite, é J.»

Contrariamente ao ouvinte n.º 347 que responde directamente ao acto de saudação, o ouvinte n.º 341, através do acto fático de estabelecimento de contacto ("Estou?"), constrange o locutor do programa a produzir um complexo ilocutório constituído por um acto directo (literal) de asserção que, por derivação ilocutória, constitui um acto de confirmação ("Sim senhor, está em directo") e de pedido ("diga, diga primeiro o seu nome").

Este último acto “curto-circuita”¹² as sequências discursivas de saudação-saudação e de pergunta-resposta que regularmente ocorrem neste programa, exigindo do ouvinte apenas a realização de um acto de saudação e de uma asserção com a indicação do termo de endereçar.

Atentemos então agora na sequência de actos de discurso que ocorre na fase da abertura destas interações.

5. ESTRUTURA PROTOTÍPICA DAS VEZES DE ELOCUÇÃO

Nos programas de rádio em análise, verificamos que a sequência constituída por quatro vezes de elocução se repete nos diversos programas e, por esse motivo, é tendencialmente mais prototípica¹³.

Com efeito, ao primeiro par de acção realizado pelo locutor constituído por [Convocatória + Saudação] segue-se o movimento de [Saudação] por parte do ouvinte não raro seguido de uma sequência de saudação de diagnóstico-resposta.

Atentemos então no seguinte exemplo:

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: “A preguiça”

Ouvinte masculino, n.º. 2 – Antigo empregado de café – desempregado – Faro; jovem

Abertura:

Locutora: [Linha + Termo de Endereçar + Região] «Na linha 4 está o L., está a falar de Faro.»

[Saudação + Termo de Endereçar] «Olá L.»

Ouvinte: [Saudação + Termo de Endereçar] «Olá D. I.»

¹² Esta noção de “curto-circular” de sequências discursivas que regularmente ocorrem nas interações foi inspirada em Morgan (1978) que refere o papel do “saber comum” no cálculo das implicaturas conversacionais.

¹³ A propósito das rotinas verbais ou “lugares comuns” presentes no momento da abertura de conversas familiares, Véronique Traverso (1993) refere o “efeito de estandardização” criado pela opção pela “solução mais adaptada e mais ‘económica’” para alcançar “os objectivos comuns da comunicação que se repetem de situação em situação, quaisquer que sejam as diferenças entre os indivíduos” (*idem*: 119).

Locutora: [Saudação Interrogativa] «Tudo bem?»

Ouvinte: [Resposta] «Tudo bem.»

Este extracto exemplifica uma sequência de abertura comum neste tipo de emissão: abertura constituída pela sequência de convocatória seguida dos pares de saudação/saudação e saudação interrogativa/resposta (quatro vezes de elocução).

A saudação interrogativa familiar corresponde à *convenção social* de interrogar o estado “global” (de saúde, material...) do interlocutor e permite a abertura de uma “sequência de diagnóstico” (Sacks, 1973: 198).

Com efeito, e no dizer de Bernard Conein (1989), esta sequência de saudação, que pertence ao formato sequencial de abertura prototípica ao telefone (*idem*: 205), visa a resolução de três problemas interaccionais: a identificação dos locutores, a ratificação mútua dos interactantes e a iniciação do primeiro tema (*idem*: 206).

Com efeito, e como os exemplos apresentados ilustram, os locutores revelam-se conhecedores de esquemas de acção: o esquema de acção deve não apenas ser proposto e aceite pelo interlocutor, mas sobretudo expressamente ratificado, isto é, ser reconhecido como uma acção conjunta que resulta do empenho particular e único de cada interlocutor (Bange, 1983: 21).

6. ALARGAMENTO DA ESTRUTURA DE “TURNS” (VARIACÕES)

6.1. A SEQUÊNCIA DISCURSIVA PERGUNTA-RESPOSTA

Em alguns extractos do nosso corpus, após o acto de convocar, verifica-se a ocorrência da abertura de uma sequência discursiva de pergunta-resposta¹⁴ com o objectivo de se proceder à localização geográfica do telefonema feito pelo ouvinte/ “caller”.

Observemos o seguinte exemplo:

¹⁴ Para uma análise mais detalhada da sequência discursiva pergunta-resposta, ver o estudo de Conceição Carapinha Rodrigues (1998: 11-220).

Programa: CM

Data: 07/01/98

Tema: "A condução em Portugal"

Ouvinte n.º 219, masculino, França

Abertura:

Locutor – Vamos para a primeira presença aqui em antena, hoje na linha de ouvintes em primeira visita. Então bom dia para si.

Ouvinte – Bom dia.

Locutor – Parece que é alguém que está ao volante, não?

Ouvinte – Sim, sim, bom dia.

Locutor – Então bom dia pra si. Estamos a falar com quem?

Ouvinte – Ai, é com A., A. A..

Locutor – A. A.?

Ouvinte – A., A..

Locutor – E de onde é que o A. A. nos está a falar agora?

Ouvinte – Eu estou a falar de França.

Locutor – Está em França?

Ouvinte – Tou na zona de Orleães, eh... e ouço aqui coisas sei lá, em conjunto com uma rádio que há aqui em Orleães portuguesa, e vocês saem aqui, pronto, em simultâneo com eles, agora de noite.

Locutor – Muito bem.

Este exemplo ilustra o trabalho de enquadramento operado pelo locutor no sentido de proceder à especificação de todas as coordenadas consideradas fundamentais para o desenho representativo do "ouvinte".

6.2. PRÉ-SAUDAÇÕES DE ABERTURA ("ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO")

As pré-saudações de abertura constituídas por actos expressivos ou por perguntas sobre a saúde são expressões que André-Larochébovy (1984) denomina de "saudações complementares" e E. Ventola (1972) de "estratégias de aproximação".

A ocorrência destas estratégias discursivas permite o alargamento da estrutura das vezes de elocução na abertura e constitui uma estratégia de contac-

to; uma estratégia de procura do primeiro tema e permite preparar as sequências que pertencem à fase subsequente da interação (o desenvolvimento).

No nosso corpus¹⁵ co-ocorrem actos expressivos com actos de saudação de diagnóstico que constituem "estratégias discursivas de aproximação":

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: "O relacionamento entre duas gerações"

Ouvinte n.º 43, feminino, Alfragide, 49 anos

Locutora: [Conv.] «Vamos para a linha 2, E., de Alfragide, quarenta e nove anos.» [Saud.] «Olá E..»

Ouvinte: [Saud.] «Boa noite.»

→ Locutora: [Saudação de diagnóstico] «Tudo bem?»

Ouvinte: [Resp.] «Tudo bem.»

→ [Dar os parabéns + Pedido de desculpa + Acto expressivo] «Antes do mais quero felicitá-la, desculpe, eu sou sua ouvinte há imenso tempo e doutros programas em que participou, tenho uma grande, como direi, portanto oiço, gosto imenso de a ouvir.»

→ [Acto expressivo] «Sou sua admiradora!»

Locutora: [Agradecimento Intensificado] «Muito obrigada.»

Ouvinte: [Marcação de conclusão] «Pronto.»

[Asserção] «E então já por várias vezes tentei mas nunca fui muito persistente, mas já algumas vezes tentei e nunca consegui.»

Locutora: [Asserção] «Olhe hoje, num dia substancialmente complicado de chamadas consegui.»

Ouvinte: [Acordo] «É verdade, hoje tive sorte, tive sorte sim senhor.»

Locutora: [Perg. sobre o tema] «E quanto ao tema de hoje?»

6.3. INTERVENÇÕES DE RELANCE ORIENTADORAS DO TÓPICO

Outra modificação da estrutura prototípica de abertura é constituída por [CONVOCATÓRIA] seguida de [SAUDAÇÃO] e, depois da resposta

¹⁵ Neste ponto e nos pontos seguintes, indicamos com uma seta os segmentos que ilustram a descrição realizada.

à saudação, o locutor produz uma sequência de [IDENTIFICAÇÃO DO TÓPICO/ "EXPERTISE" + PERGUNTA].

A atribuição de uma "identidade discursiva" ao ouvinte que telefona permite identificá-lo como uma entidade autorizada ("expert") e/ou "interlocutor pertinente" (Müller, 1995: 207) para falar sobre o tema em análise.

Atentemos, então, nos seguintes exemplos:

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: "A adolescência"

Ouvinte feminino; n.º 17 (Mãe de um filho adolescente com 17 anos)

Abertura:

Locutora: [Convocatória] «Tenho na linha 3 a C..»

[Saudação + Termo de Endereçar + Saudação] «Olá C. boa noite.»

[Saudação Interrogativa] «Tudo bem?»

Ouvinte: [Resposta modalizada + Agradecimento] «Bem, dentro do possível, obrigado.»

→ Locutora: [Asserção determinadora da identidade] «A C. tem um filho adolescente?»

Ouvinte: [Asserção] «Um filho adolescente...»

Locutora: [Confirmadores – token] «Hum, hum.»

Ouvinte: [Completude da asserção] «com dezassete anos.»

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: "A adolescência"

Ouvinte masculino; n.º 16; Lisboa; Padre

Abertura:

Locutora: [Convocatória] «Na linha 4, padre G..»

[Saudação + Saudação + Saudação + Saudação Interrogativa] «Olá viva, boa noite, como está?»

Ouvinte: [Saudação + Saudação Interrogativa] «Boa noite minha filha, como está?»

Locutora: [Resposta à saudação + Saudação Interrogativa] «Tudo bem, e consigo também?»

Ouvinte: [Resposta à saudação] «Tudo ótimo.»

→ Locutora: [Pergunta através de um acto literal de asserção que entra directamente na identificação do tópico] «Padre G. eh ao que sei tem contacto muito directo com com adolescentes, com jovens, não é...»

Ouvinte: [Resposta] «Tenho.»

→ Locutora: [Cont. da pergunta] «e a pergunta pela qual queria começar esta conversa era se me confirmava ou não a ideia de que a adolescência é uma idade de generosidade?»

Como podemos constatar, a referência ao tema sob a forma de um «rapport d'expériences» (Müller, 1995 : 207) faz parte de uma técnica de solicitação comum neste tipo de programas de rádio e é uma forma de enquadrar estrategicamente o discurso do ouvinte num "falar autêntico", "vivido" e "sincero" estabelecido pelo próprio estatuto de "expert" (Thornborrow, 2001: 463), constituindo assim uma estratégia argumentativa de credibilização do discurso que se segue.

6.4. ELOGIOS E VOTOS

Nos programas de rádio em análise verificamos que os actos de elogio e os votos têm uma ocorrência facultativa no momento da abertura.

A título exemplificativo, atentemos então numa abertura que apresenta um acto com o valor ilocutório de "dar os parabéns" que co-ocorre com actos de elogio:

Programa: BN

Data: Outubro de 1998

Tema: "Regionalização"

Ouvinte n.º 141, masculino, Loulé

Locutora: [Convocatória] «Vamos para a linha 3, N. M..»

[Saudação + Termo de Endereçar] «Olá N..»

Ouvinte: [Saudação] «Boa noite.»

Locutora: [Saudação Interrogativa] «Como está?»

Ouvinte: [Resposta + Agradecimento] «Muito bem, obrigada.»

Locutora: [Asserção sobre a Região + Question-tag] «Sim senhor, o N. está a falar do Algarve, não é?»

Ouvinte: [Resposta] «De Loulé.»

Locutora – [Acordo/Reconhecimento] «Exactamente.»

→ Ouvinte: [Dar os parabéns + elogio] «Eh e antes de mais quero-lhe dar os meus sinceros parabéns pá por esse magnífico programa, de facto é uma é uma (...) esse programa, nem durmo de noite até às duas da manhã nunca durmo.»

[Asserção avaliativa] «De facto é muito importante, pá, e desta vez em discutir esses assuntos isso é de facto muito importante.»

6.5. SAUDAÇÃO ALARGADA

Nestes programas também é comum a ocorrência de uma saudação alargada dirigida ao apresentador/ locutor do programa, à equipa de profissionais que com ele trabalha e ao auditório.

Observemos o seguinte extracto:

Programa: BC

Data: 04/05/1998

Tema: “O último jogo Benfica-Porto”

Ouvinte n°. 285, masculino, Linda-a-Velha.

Abertura:

Locutor: [Perg. Fática] «C. P. está-me a ouvir?»

Ouvinte: [Resp. + Saud. + T. End.] «Tou, tou, boa noite F.C.»

Locutor: [Saud. + Saud.] «Ah, boa noite, boa noite.»

Ouvinte: [Saud. Cortês] «Os meus sinceros cumprimentos...»

Locutor: [Agrad. no Superlativo] «Muito obrigado.»

→ Ouvinte: [Cont. da Saud. Cortês alargada aos colaboradores e auditório] «extensivos aos seus dois colaboradores e a todos os adeptos da B. C.»

Quando os interlocutores têm uma relação de familiaridade construída e presente na sua “memória discursiva” não raro é o ouvinte a produzir uma saudação interrogativa com o conteúdo proposicional <saber o estado de saúde de B>, sendo B um objecto próximo do(a) locutor(a):

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: “O ensino do português junto das comunidades no estrangeiro”

Ouvinte feminino; regular; Alemanha; n°. 29

Abertura:

Locutora: [Convocatória] «Já que falámos da Alemanha, temos a C. M. na linha 2.»

[Saudação+Termo de Endereçar] «Olá C..»

Ouvinte: [Saudação + Termo de Endereçar + Saudação Interrogativa sobre o estado de saúde] «Olá D., como é que vai essa saúde?»

Locutora: [Resposta] «Vai bem, graças a Deus.»

→ Ouvinte: [Saudação Int. de diagnóstico] «E o cachopo?»

Locutora: [Resposta] «Também, tudo bem.»

Ouvinte: [Reconhecimento/Ratificação] «Muito bem.»

7. APLICAÇÃO

As conversas na rádio em análise têm como objectivo exprimir e discutir opiniões pessoais com alcance público e apresentam um estilo discursivo não raro informal e, em alguns segmentos, sério, noutros, de cariz mais jocoso e irónico, surgindo, muitas vezes, situações de litígio características de um discurso claramente opinativo ou *polémico* – discurso argumentativo-persuasivo (Fonseca, 1992) – com momentos de tensão vazados em segmentos de desacordo e momentos de distensão traduzidos em sequências de acordo¹⁶.

Interessa-nos aqui a análise da fórmula “Eh pá, pere aí, mas pere aí um pouco” que, utilizada por um ouvinte destes programas, constitui uma *estratégia de alinhamento*, isto é, uma estratégia discursiva de manutenção da vez de elocução que permite a este último reorganizar, reorientar o rumo discursivo.

Atentemos então nos segmentos discursivos que ocorrem nos momentos estruturais principais: a abertura, o desenvolvimento e o fecho.

¹⁶ Sobre a análise de sequências de acordo e de desacordo no discurso argumentativo, cf. Joaquim Fonseca (1996).

Na abertura da interação com este ouvinte, o locutor realiza um acto de convocatória seguido do movimento de saudação (sequência prototípica de abertura) e depois da produção de uma sequência parentética de rectificação do termo de endereçar, este ouvinte realiza uma saudação alargada que co-ocorre com actos que têm o valor ilocutório de votos:

Programa: CM

Data: 9/01/1998

Tema: Livre

Abertura:

Ouvinte n.º 225, masculino, Vila do Conde

Locutor: [Conv.] «Vamos para mais outra presença, desta vez na linha de ouvintes em primeira visita.»

[Saud.] «Bom dia.»

Ouvinte: [Saud.] «Bom dia.»

Locutor: [Perg.] «Estamos a falar com quem?»

Ouvinte: [Resp.] «É... C.S., de Vila do Conde.»

Locutor: [Perg. de confirmação] «R. S., não é?»

Ouvinte: [Reconhecimento/Ratificação] «Sim, sim.»

[Rectificação] «C., C..»

Locutor: [Rectif.] «Ah C..»

Ouvinte: [Acordo/Ratificação] «Sim.»

Locutor: [Saud. Int.] «Como é que está?»

Ouvinte: [Resp. + Retribuição da Saud.] «Eu tou bom, e vocês?»

Locutor: [Resp.] «Também vamos andando.»

Locutor: [Perg.] «Então hoje gostaria de falar de quê?»

Ouvinte: [Votos] «Um bom ano, é a primeira coisa qu'eu *vos quero dizer...*»

Locutor: [Agr. no Superlativo + Retribuição] «*Muito obrigado*, igualmente para si.»

Ouvinte: [Votos alargados ao Clube e ao auditório] «pra todo o clube e pra toda a gente que nos ouve.»

No desenvolvimento, numa emissão de tema livre, o ouvinte realiza uma asserção metadiscursiva que anuncia o tema:

Desenvolvimento:

Ouvinte: [Asserção] «Eh... qu'ê qu'eu queria falar, eh olhe queria falar de duas coisas, mas muito brevemente»

Locutor: [Reconhecimento/Ratificação] «Sim.»

No desenvolvimento do tema operado pelo ouvinte, o locutor assume um papel de organizador do diálogo, estabelecendo e zelando pela manutenção de coerências interdiscursivas:

Locutor – Está a falar em relação à à questão do autódromo do Estoril?

Ouvinte – Isso mesmo, isso mesmo.

Locutor – *Sim, exponha exponha o seu ponto de vista.*

Locutor – Portanto, eh...em em resumo, o que... o C. S. eh quer salientar é que... há demasiadas situações, hoje em dia, em que... se começa a falar dum número e depois esse número...

Locutor – Rapidamente sobe prò dobro, prò triplo, enfim é isso que quer dizer?

Locutor – Mas ó ó ó C. S., qual é o seu ponto nesta questão do futebol?

Locutor – Qual qual é a sua eh... a sua conclusão, digamos, o que é que pretende concluir?

O discurso do ouvinte é emotivo, claramente opinativo e polémico com repetições, expressões coloquiais e perguntas-tag do tipo “Tá certo?” que constituem práticas discursivas que denotam o “envolvimento conversacional” deste participante:

Ouvinte – Eh pá, parem lá com isso, pá! Há casas pa fazer! Fórmula 1?! Eh pá, parem lá com isso, pá. E eu eu não isso eu não tou a falar de política, eh eu... eu simplesmente tou a falar de números. Eu tou quase com'ò outro, um escudo é um escudo e isto é uma vergonha. Eu sou eu sou português, felizmente, porque eh eh felizmente nasci neste cantinho, não façam é disto.

Ouvinte – Gostaria, gostaria que houvesse alguém que fizesse uma investigação a fundo, saber como é que foi feito o primeiro orçamento,

quem é que o autorizou, quem é que não foi, quem é que não foi, quem é que foi, quem é que não foi, prà gente depois ter um fio na meada e dizer 'olhe, os gajos qu'andam a rapinar são estes'. Tá certo?

Quando o locutor assume uma posição moderada, com argumentos que contrastam com os que são apresentados pelo ouvinte, este último procede à manutenção da sua vez de elocução com o segmento "Eh pá, pere aí, mas pere aí um pouco...":

Locutor – Mas, mas, ó... ó C. S....

Ouvinte – Diga.

Locutor – No fim de contas tudo faz parte do nosso dia-a-dia.

Ouvinte – Sim.

Locutor – A cultura, o desporto...

Ouvinte – Eh pá, pere aí, mas pere aí um pouco...

As sobreposições da fala denotam "o envolvimento conversacional" dos participantes e a dificuldade de o locutor assumir a sua vez de elocução:

Ouvinte – Pois. *Eu também, eu também...*

Locutor – *Estou a jantar, não vejo as notícias.*

Com o segmento "pere aí, pere aí" seguido do vocativo que interpela o locutor, este ouvinte procede à manutenção da sua vez de elocução e põe em acção uma estratégia discursiva que inverte os papéis interlocutivos destas interacções na rádio uma vez que o ouvinte assume um papel de condutor do diálogo e o locutor está constringido a escutá-lo:

Ouvinte – Pois, eu também, eu também tenho feito isso. Só que... pere aí, pere aí, ó... ó A. a gente tamos a falar, pere aí, eu também tenho feito isso e faço uma outra coisa...

Locutor – Hum, hum.

Ouvinte – tamos a jantar não há televisão.

Locutor – Pois, essa é outra hipótese.

Deste modo, o locutor procura estabelecer a *ordem interaccional* inicialmente instituída nestes programas e inicia de imediato uma sequência de pré-fecho, com a realização de um marcador discursivo com carácter retro-activo (marcador de conclusão avaliativa) que permite realizar a ratificação das acções discursivas anteriores, produzindo a *completude interactiva* (Roulet *et al.*, 1985) e preparando assim o fecho da interacção.

Atentemos então nesta sequência de pré-fecho:

Pré-fecho:

Locutor: [Marcação de Conclusão Avaliativa] «Muito bem.»

[T. End. + Comentário Metadiscursivo] «C. S., aqui fica o seu reparo, a sua opinião, é pra isso que nós hoje estamos aqui a dar mais dois dedos de conversa com os nossos amigos, como você.»

Ouvinte: [Hesitação+Expressão c/ valor de interjeição] «Eh pá...»

Como se pode verificar, o ouvinte ainda tentou realizar o segmento "Eh pá..." que lhe permitiria a sustentação da vez de elocução, mas o locutor interrompe-o com um movimento de saudação que inicia assim o fecho da conversa:

Fecho:

Locutor: [Saudação] «Bom dia.»

Ouvinte: [Asserção Metadiscursiva de Conclusão + Votos] «é isso, um Bom Ano pá gente.»

Locutor: [Retribuição dos Votos] «Um Bom Ano pra si também.»

Ouvinte: [Saudação de despedida] «Então até à próxima.»

Locutor: [Agradecimento] «Obrigado.»

Ouvinte: [Saudação de despedida + Saudação de despedida em Francês] «Adeus, au revoir.»

CONCLUSÃO

A consideração da dimensão interactiva e interlocutiva do discurso permite-nos ter em conta "o jogo de recíproca influência" que obriga a que

locutor e alocutário utilizem estratégias que, no desenrolar da sequência discursiva, instauram obrigações e restrições mútuas (Fonseca, 1992: 278).

Trata-se, assim, de atender à dimensão negocial do discurso, isto é, à análise das acções comunicativas específicas que condicionam e fundamentam a organização e o funcionamento das interacções na rádio e permitem o alinhamento (Goffman, 1987) dos participantes e/ou construção do sistema de alternância de vez de elocução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- André-Larochebouvy, Danielle, 1984, *La conversation quotidienne*, Paris, Didier.
- Bange, Pierre, 1983, "Points de vue sur l'analyse conversationnelle", *DRLAV*, 29, pp. 1-28.
- Boden, D.; Zimmerman, D. (orgs.), 1993, *Talk and social structure: studies in ethnomethodology and conversation analysis*, Oxford, Blackwell Publishers.
- Charaudeau, P. (org.), 1984, *Aspects du discours radiophonique*, Paris, Didier.
- Cole, P. (ed.), 1978, *Syntax and semantics. Pragmatics, vol. 9*, New York, Academic Press.
- Conein, Bernard, 1989, "Pourquoi doit-on dire bonjour?" in Joseph, I. et al. (eds.), 1989, pp. 196-208.
- Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (orgs.), 1987, *Décrire la conversation*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- Fonseca, Joaquim, 1992, *Linguística e texto / discurso – teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Fonseca, Joaquim, 1996, "O discurso de Corte na Aldeia de Rodrigues Lobo – o Diálogo I", *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Línguas e Literaturas*, Porto, Vol. XIII, pp. 87-145.
- Fonseca, Joaquim (org.), 1998a, *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo II, Porto, Porto Editora.
- Fonseca, Joaquim (org.), 1998b, *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo III, Porto, Porto Editora.
- Gumperz, J., 1982, *Discourse strategies*, Cambridge, Cambridge University Press.

- Gumperz, J., 1989, *Engager la conversation: introduction à la sociolinguistique interactionnelle*, Paris, Minuit.
- Gumperz, John; Hymes, Dell (orgs.), 1972, *Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication*, New York, Holt, Rinehart and Winston.
- Goffman, E. (1981) 1987, *Façons de parler*, Paris, Minuit.
- Hymes, Dell, 1972, "Models of the interaction of language and social life", in Gumperz, John; Hymes, Dell (orgs.), 1972, pp. 35-71.
- Joseph, I. et al. (orgs.), 1989, *Le parler frais d' Erving Goffman*, Paris, Minuit.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine, 1987, "La mise en places" in Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (orgs.), 1987, pp. 319-352.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine, 1990, *Les interactions verbales*, I, Paris, Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C.; Plantin, C. (orgs.), 1995, *Le trilogue*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- Liddicoat, Anthony et al., 1992, "The effect of the institution: openings in talkback radio", *Text*, vol. 12, 4, pp. 541-562.
- Marques, M. Aldina, 2000, *Funcionamento do discurso político parlamentar. A organização enunciativa no debate da interpelação ao Governo*, Braga, Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.
- Morgan, J., 1978, "Two types of convention in indirect speech acts", in Cole, P. (ed.), 1978, pp. 261-280.
- Mouillaud, M., 1984, "Description de divers aspects. Espace et temps radiophoniques: les tranches horaires matinales" in Charaudeau, P. (org.), 1984, pp. 61-70.
- Müller, Frank Ernst, 1995, "Trilogue et 'double articulation' de la conversation radiophonique" in Kerbrat-Orecchioni, C.; Plantin, C. (orgs.) 1995, pp. 201-223.
- Plantin, Christian; Doury, Marianne; Traverso, Véronique (orgs.), 2000, *Les émotions dans les interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- Plantin, C. (org.), 1993, *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*, Paris, Éditions Kimé.
- Rodrigues, Conceição Carapinha, 1998, "A sequência discursiva pergunta-resposta" in Fonseca, Joaquim (org.) 1998a, pp. 11-220.
- Roulet, Eddy et al., 1985, *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne Francfort S/ Main, Peter Lang.

- Sacks, Harvey, 1973, "Tout le monde doit mentir", *Communications*, 20, pp. 182-203.
- Tannen, Deborah, 2001, "The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance", in Wetherell, M. *et al.*, 2001, pp. 150-166.
- Thornborrow, Joanna, 2001, "Authenticating talk: building public identities in audience participation broadcasting", *Discourse studies*, vol. 3, 4, pp. 459-479.
- Traverso, Véronique, 1993, "Les routines: lieux communs de la conversation" in Plantin, C. (org.) 1993, pp. 111-122.
- Wetherell, M.; Taylor, S.; Yates, S.J. (orgs.), 2001, *Discourse theory and practice. A reader*, London, Sage.

ANEXO

Programa: CM

Data: 9/01/1998

Tema: Livre

Ouvinte n°. 225, masculino, Vila do Conde

Locutor – Vamos para mais outra presença, desta vez na linha de ouvintes em primeira visita. Bom dia.

Ouvinte – Bom dia.

Locutor – Estamos a falar com quem?

Ouvinte – É... C. S., de Vila do Conde.

Locutor – R. S., não é?

Ouvinte – Sim, sim. C., C.

Locutor – Ah C.

Ouvinte – Sim.

Locutor – Como é que está?

Ouvinte – Eu tou bom, e vocês?

Locutor – Também vamos andando. Então hoje gostaria de falar de quê?

Ouvinte – Um Bom Ano, é a primeira coisa qu'eu *vos quero dizer*...

Locutor – *Muito obrigado*, igualmente para si.

Ouvinte – Pra todo o clube e pra toda a gente que nos ouve. Eh... qu'eu queria falar, eh olhe queria falar de duas coisas, mas muito brevemente.

Locutor – Sim.

Ouvinte – A primeira era pôr as pessoas a pensarem um bocadinho naquilo que se está a fazer nas nossas costas, que é assim: fez-se um orçamento pá fórmula 1, dum milhão de contos, não sei quem fez.

Locutor – Está a falar em relação à questão do autódromo do Estoril?

Ouvinte – Isso mesmo, isso mesmo.

Locutor – Pois. Como falou genericamente “fez-se um orçamento para a fórmula 1” eu estava a ver se era a nível de alguma equipa, ou quê.

Ouvinte – Não, não, não, não. Nós não... não conseguimos ter uma equipa, mas não interessa, interessa-nos é isto. Fez-se um orçamento pá fórmula 1, em que foi dada a uma Câmara, que era a de Cascais, e que depois c’uma empresa que fez um orçamento dum milhão de contos. Foi eh... foi vetado e... desculpe eu tar a falar de seguida, mas é assim que penso que eu *tou... o resto (...)*

Locutor – *Sim, exponha exponha o seu ponto de vista.*

Ouvinte – É isso. Eh foi vetado, foi vetado pelo... Tribunal de Contas. Depois entregou-se aquilo a uma firma que não se sabe quem nem como eh eh eh essa firma, ou esse Gabinete de Estudo do Governo, le eleva-nos aquilo a três milhões e meio de contos. Eh pá, parem lá com isso, pá! Há casas pa fazer! Fórmula 1?! Eh pá, parem lá com isso, pá. E eu eu não isso eu não tou a falar de política, eh eu... eu simplesmente tou a falar de números. Eu tou quase com’o outro, um escudo é um escudo e isto é uma vergonha. Eu sou eu sou português, felizmente, porque eh eh felizmente nasci neste cantinho, não façam é disto.

Locutor – Portanto, eh...em em resumo, o que... o C. S. eh quer salientar é que... há demasiadas situações, hoje em dia, em que... se começa a falar dum número e depois esse número...

Ouvinte – É uma vergonha.

Locutor – Rapidamente sobe prò dobro, prò triplo, enfim é isso que quer dizer?

Ouvinte – Ó A., desculpe, eu vou a sua casa, por exemplo, eh eu não sou canalizador, mas eh tem lá um buraco e eu digo-lhe assim: olhe, isto é um... ah...

Locutor – Custa “xis”...

Ouvinte – Cem contos.

Locutor – Pra arranjar. Exacto.

Ouvinte – E depois, dois dias depois, eh... não vou lá eu, mando lá o meu irmão e ele digo-lhe qu’é trezentos e cinquenta. E você diz-me assim: “você é maluco”. Não é?

Locutor – Exactamente.

Ouvinte – Mas não é? *E eu tou a tirar zeros nisto!*

Locutor – (...). Exacto, exacto.

Ouvinte – Hã? Isto isto é... Inda por cima, inda por cima, a vergonha das vergonhas, é os Media não entrarem nisto a fundo! Faz-se em quatro canais de televisão eh... eh eh olhe eh... o Islão, ou isto, ou aquilo, ou aqueloutro, e não se faz o autódromo, ou a (...)

Locutor – Mas, eh... eu... oh... deixe-me só dizer, eu acho que... se tem falado bastante da questão...

Ouvinte – Não tem nada.

Locutor – do autódromo do Estoril.

Ouvinte – Tem-se falado bastante, mas não se faz um programa a fundo, deixam-se as pessoas a meio. As mais esclarecidas sabem o que é que se passa, e e e e pelo por outros meios vão ganhando o seu dia-a-dia nem se preocupam, porque coitados vamos pagando os nossos impostos, não é? Mas isto é uma vergonha. Agora, agora pronto, olhe acabou-se...

Locutor – Portanto o C. S. gostaria de... de saber que... estas questões são controladas com mais rigor. É isso?

Ouvinte – Gostaria, gostaria que houvesse alguém que fizesse uma investigação a fundo, saber como é que foi feito o primeiro orçamento, quem é que o autorizou, quem é que não foi, quem é que não foi, quem é que foi, quem é que não foi, prà gente depois ter um fio na meada e dizer “olhe, os gajos qu’andam a rapinar são estes”. Tá certo?

Locutor – Se é que anda alguém, não.

Ouvinte – Andam. Tem qu’haver. O grupo Grão Pará é um grande grupo, e já anda nisto há uma data d’anos. Coitado, e e e que e que e que se segue em paz, que se calhar morreu por causa disto, eh o coração tinha que dar um bafe, viu tanta coisa que teve qu’ir, não é? Nós temos, a alma que lhe descansa em paz e que e que me perdoe de lhe tar a falar nele, sem ele tar presente. Agora, há há uma outra coisa. Eh... nós, o A. e eu somos mais ou menos da mesma geração. Jogou alguma vez à bola? Eh... sim nem que seja em miúdo.

Locutor – Joguei... em miúdos todos *jogam à bola, não é.*

Ouvinte – *Sim, sim*, mas jogou, não foi?

Locutor – Joguei, *nos bons tempos de estudante*, jogava alguma coisa.

Ouvinte – *E e ouviu alguma vez*, ouviu alguma vez esta frase: “isto não é pra meninas”?

Locutor – Qualquer coisa no género, sim.

Ouvinte – Mas ouviu? Eu, eu não tou a pôr em questão aquela situação que está agora.

Locutor – Com certeza, com certeza.

Ouvinte – Eu vou pô-la em questão, vou pô-la em questão...

Locutor – Sim, sim.

Ouvinte – Só que digo é uma coisa: também se está a especular sobre isto, porque o problema que existe entre estes dois jogadores ou entre vários jogadores, pa quem jogou à bola, são problemas de dentro do campo. Repare, há uma lei que diz que nem o nem o polícia pode ver dentro do campo o que vir, não pode entrar sem autorização do árbitro. O árbitro é o polícia do campo. Se o árbitro não viu, não viu, as coisas fazem-se. Eu vi, eu vi, a mim fizeram meterem-me o dedo entre as costelas num salto pa canto, que lhe pode dar penalty ou pode não dar. Estas coisas são... são coisas que são metidas na cabeça das pessoas pa tirar outras coisas.

Locutor – Mas ó ó ó C. S., qual é o seu ponto nesta questão do futebol?

Ouvinte – Eh pá... é...

Locutor – Qual qual é a sua eh... a sua conclusão, digamos, o que é que pretende concluir?

Ouvinte – Pretendo concluir que... eh eh os Media, os Media, porque são eles actualmente que comandam o dia-a-dia das pessoas, deveriam de se posicionar noutros tipos de vida e de de do burgo e da das condições sociais das pessoas e não nestas pequenas coisas, porque eu...

Locutor – Mas, mas, ó... ó C. S. ...

Ouvinte – Diga.

Locutor – No fim de contas tudo faz parte do nosso dia-a-dia.

Ouvinte – Sim.

Locutor – A cultura, o desporto...

Ouvinte – Eh pá, pere aí, mas pere aí um pouco...

Locutor – *A educação, tudo, tudo faz parte.*

Ouvinte – *Diga-me, diga-me, diga-me*, mas por favor diga-me s'eu tou errado. Quatro telejornais, ou três telejornais, porque dois são... irmãos, eh três telejornais abrem todos c'a mesma notícia e e com tanta coisa...

Locutor – Já falámos, já falámos dessa questão aqui no clube há algum tempo atrás...

Ouvinte – Mas já viu...

Locutor – Pelo menos uma vez ou duas, eh...

Ouvinte – Mas estes telejornais são mórbidos.

Locutor – Mas sou levado a concluir eh... pessoalmente e a concordar que... eh... se dá demasiado destaque a qualquer coisa que tem a ver com o mundo do desporto, neste caso do futebol em Portugal.

Ouvinte – Só? Só? Só do do futebol. Porque s'houver uma outra coisa qualquer o... o indivíduo que que não é do futebol mas e qu'até é paraplégico e que ganha uma competição ou um jogo olímpico, nem à televisão vem!

Locutor – Eh tem lá uma noticiazinha possivelmente no... *em rodapé, na página desportiva...*

Ouvinte – (...) *É demais.*

Locutor – No final, não é...

Ouvinte – Não, mas aí... mas... mas...

Locutor – Com umas imagens.

Ouvinte – Ó, ó, ó, olhe diga-me uma coisa...

Locutor – Sabe que não há regras fixas, a verdade é que estas estas questões que... naturalmente empolgam os adeptos do desporto-rei...

Ouvinte – Hum, hum.

Locutor – Também, por consequência, merecem a máxima atenção dos órgãos de comunicação.

Ouvinte – Sem dúvida e porque *o share...*

Locutor – *Pudera*, não é?

Ouvinte – E depois o share sobe, não é?

Locutor – Toda a gente está à espera de saber as últimas.

Ouvinte – Isso mesmo. Pois, é é mórbido. Olhe, olhe, repare uma coisa, repare-me nisto, eu, eu penso nisto às vezes. Inda tive um diálogo há muito pouco tempo com um grupo de amigos a bater-me sobre isto, bater um grupo d'amigos sem... não somos intelectuais, simplesmente somos pais, hã, em que nos dizem a violência na televisão. E eu disse: "pá, os meus putos vão pá cama às dez da noite". Hã... só qu'o miúdo tem lá o brinquedo que pode brincar e se calhar adormece às dez e meia, a miúda também tem lá outras coisas, mas a televisão, aquela televisão violenta não se vê a partir das dez. Pois é, mas é quando tamos a comer às oito eu vejo o telejornal e só liga em mortes, porque o telejornal não consegue dizer o que se passa no nosso país e só diz o que se passa nos outros, e é mortes. É na Argélia, é naqui, é daqui, é daqueloutro, é daqueloutro.

Locutor – É a triste realidade do mundo em que vivemos. Já viu? *Mas é verdade, é assim, é assim.*

Ouvinte – *Eu já vi*, mas mas não deveria ser numa hora nobre, que seria a hora nobre. Não não eu não... eu já se calhar já suportava, já preferia a telenovela, se calhar, não sei qual mas não interessa, podia ser brasileira, mexicana, brasileira, portuguesa, o que fosse, ou os desenhos animados, isso adorava, mas, pelo menos eh eh na hora nobre não massacrarem as pessoas. Já viu o que é uma pessoa tá a comer e dum momento pó outro catrapumba...

Locutor – Pois, mas ó ó C. S. ...

Ouvinte – Um gajo aos bocados.

Locutor – Nós já sabemos como é.

Ouvinte – Mudamos de canal, *o resultado é o mesmo.*

Locutor – *Não, não, não.* Não, não veja as notícias, não veja as notícias à hora do jantar. É o que eu faço.

Ouvinte – Pois. *Eu também, eu também...*

Locutor – *Estou a jantar, não vejo as notícias.*

Ouvinte – Pois, eu também, eu também tenho feito isso. Só que... pere aí, pere aí, ó... ó A. a gente tamos a falar, pere aí, eu também tenho feito isso e faço uma outra coisa...

Locutor – Hum, hum.

Ouvinte – Tamos a jantar não há televisão.

Locutor – Pois, essa é outra hipótese.

Ouvinte – É... é, porque isto cá em casa quem manda sou eu, eu não, a televisão não manda nada, porque o mais pequenino também quando passa desliga a televisão, não é, porque ela não é da família, ela é uma coisa é um é um apêndice que tá cá em casa, não é, agora o que acontece é o seguinte, nós temos que ver é pelos outros todos, nós não somos só nós.

Locutor – Pois não.

Ouvinte – Pois. E... e... isto entra-nos pela casa dentro. E quantos é que desligam a televisão?

Locutor – Quem quer. Os que não querem...

Ouvinte – Mas a gente assim nunca mais vai a lado nenhum, a gente tem que... a educação tem que ser grande, tem que ser forte, eh... tem qu'haver formas diferentes de fazer isso, tem que ser na instrução primária, tem que ser... porque isto não há cá nenhuma idade, eh eh agora dizem que... as miúdas e as mulheres

estão a con... a conquistar o poder. É muito... elas sempre... elas sempre o tiveram, simplesmente tavam era um bocado amarfanhadas, não é. Agora, porque a gente vê a degradação que existe. Essa degradação é uma degradação não, não, não, não, bem é uma degradação social. Há quarenta anos era o vinho. Eu agora alguma vez se deu na cabeça na cabeça dalguém vir discutir pá praça pública, a abrir três telejornais, uma agressão dentro do campo entre dois jogadores que já andam à bulha há três ou quatro anos e qu'isto faz escaparate em tudo quanto é sítio? E as pessoas compram? É preciso ter lata, pá.

Locutor – Muito bem. C. S., aqui ficou o seu reparo, a sua opinião, é pra isso que nós hoje estamos aqui a dar mais dois dedos de conversa com os nossos amigos, como você.

Ouvinte – Eh pá...

Locutor – Bom dia.

Ouvinte – É isso, um Bom Ano pá gente.

Locutor – Um Bom Ano pra si também.

Ouvinte – Então até à próxima.

Locutor – Obrigado.

Ouvinte – Adeus, au revoir.